

P830



A Silheria

ANNO V

N. 174

500
RS.

RECIFE, 24 DE JANEIRO
1925



Os unicos comprimidos legitimos de Aspirina são os protegidos ao mesmo tempo pelo nome BAY-ASPIRINA no envolvero e pela "Cruz Bayer" em cada comprimido. Esta marca registrada, respeitada em todas as partes do mundo, é uma garantia absoluta de que recebeis um producto puro e, portanto, efficaz no allivio que procuraes. BAY-ASPIRINA não affecta o coração ou os rins nem tão pouco causa a menor perturbação gastrica quando tomada de accordo com as direcções. BAYASPIRINA tem sido durante muitos annos receitada pelos medicos, sendo, portanto, os unicos comprimidos que deveis acceitar. Exigi sempre BAYASPIRINA com a marca protectora da "Cruz Bayer" em cada comprimido. Continuae a recusar qualquer substituto sob qualquer outro nome.

Exentado pela Directoria Geral de Saude Publica sob n. 209 em 16-10-1916.

Conto semanal — Piedade de mulher...

Surpresa, o sr. Marize parou à margem da calçada: sua mulher — estava vendo claramente — descia, de um carro, na entrada do Monte de Socorro.

Elle, que jamais recusara qualquer coisa à esposa, não podia admittir, de modo algum, que ella um só instante precisasse recorrer a um emprestimo para satisfazer a alguma exigencia pessoal. A imagem de generosidade della para com o homem amado, a quem ella quizesse soccorrer, salvando-o de qualquer infelicidade, se apresentou logo ao pensamento do senhor Marize — não como uma imagem vaga, imprecisa, mas clara, positiva: personificada num joven conhecimento do casal, um tal Bauclère. E uma simplissima associação de idéas se lhe impoz de repente:

— E' necessario, é urgente que eu vá falar com Chauvelin — disse consigo.

Chauvelin era um banqueiro, seu amigo. Foi procurado e, depois de trocar algumas palavras sem importancia, perguntou-lhe:

— O joven Bauclère ainda está consigo?

O banqueiro teve um olhar estranho, e respondeu:

— Sim. Mas por que pergunta?

— Por nada... Creio que é rico, não é?

Depois de lançar os olhos para a porta, numa hesitação visível, o banqueiro, baixando a voz, respondeu:

— Elle deu-me um desfalque de dez mil francos!

— E' possível?!

— Perfeitamente. Já confessou, e eu lhe dei o prazo de um dia para reembolsar-me o dinheiro. Esperei até à tarde de amanhã.

Hypocritamente, disse o senhor Marize:

— E' de esperar que elle arranje o dinheiro até amanhã.

E levantou-se para sahir. Seu plano estava magnificamente traçado: prenderia sua mulher, impedindo-a, assim, de entregar a somma.

Tomou um carro e mandou tocar para a rua onde morava Bauclère. Em frente à casa, saltou e entrou num estabelecimento onde se vendiam objectos antigos. No intuito de vigiar a entrada da casa fronteira, começou a regatear nos preços dos objectos que fingia querer comprar. E assim passou longo tempo a esperar.

Temia elle que já tivesse chegado tarde all, ou que sua mulher, por qualquer outro motivo, tivesse mandado o dinheiro pelo correio. Mas, afinal, appareceu uma carruagem. Observando-a, Marize viu dentro, não a sua esposa, mas a sua criada

Bertha, rapariga muito dedicada à patrão e que era da sua absoluta confiança.

— Antes assim! — disse, consigo mesmo, o senhor Marize.

E, apenas a criada havia tranposto a porta, chamou-a; ella, espantada, voltou-se e elle indagou, firme e severo:

— Procura o senhor Bauclère?

A criada ficou toda atrapalhada e respondeu coisas incompreensíveis, procurando occultar no seio um embrulho.

Marize insistiu, resolutamente:

— Bertha, eu sei que o seu desejo é casar-se com João, o copeiro, e ir estabelecer-se em seu paiz. Pois bem; entregue-me esse embrulho que leva ahí e, amanhã à noite, póde annunciar o seu casamento.

E, tirando a carteira do bolso, proseguiu:

— Aquí estão, por enquanto, dois mil francos. Dar-lhe-ei outro tanto si fizer o que lhe vou dizer: partir, esta noite pelo primeiro trem, para o seu paiz.

A hesitação foi rapida. A rapariga guardou as notas, e entregou-lhe o embrulho. No entanto, objectou:

— E o meu bahu?

— João lh'o mandará.

— Nesse caso — atalhou ella — já que o senhor sabe... E, então, de facto, é melhor mesmo não vêr a patrão.

Marize recebeu o embrulho e o abriu. Era mesmo o de que suspeitava!

A' hora do jantar foi quando se encontrou com a mulher, que se mostrava inquieta e nervosa e acabou confessando o motivo por que estava assim.

— Bertha está demorando tanto! — disse ella.

— E tu a encarregaste, porventura, de alguma missão que possa justificar tal demora?

— Não. Absolutamente não!

— Então, de certo, lhe aconteceu alguma coisa. Seria bom que se mandasse informar na delegacia policial.

— E' verdade! E no bairro dos fornecedores! — Eu mesma vou — disse, tranquillizando-a a joven senhora.

— Não, você não! — falou Marize.

Não era pelo interesse de vêr só a criada, que queria correr. Era pelo seu amigo, que, de certo, ainda estaria à espera do dinheiro. E como tudo isso a angustiava! Como a inquietava! Bertha teria, por acaso, sido colhida por um vehiculo? E a importancia teria chegado ao seu destino?

— Pois bem, João: vai perguntar ao commisarío de policia.

Para prolongar ainda mais aquelle tormento, Marize foi interrogar a cozinheira, o copeiro. Nenhum dos dois, no entanto, soube informar alguma coisa.

O copeiro foi e voltou informando que nenhum desastre havia occorrido no bairro. Mas, quanto a Bertha — dissera-lh'o o commisarío — tinha partido de carro, assim por volta das cinco horas.

— Partiu sem avisar?! E si tiver sido uma fuga? Terá levado alguma coisa? Já viram os talheres de prata?

— Oh! senhor! — protestou João — Não falta nada!

Marize voltou-se para a mulher e opinou:

— Quem sabe si ella não levou as suas joias! Já pensou nisto?

— Oh! não! — contestou a senhora Marize. Bertha é honesta... Por esse lado, estou tranquilla...

— Sim, mas não se pode saber nunca. E' melhor irmos verificar.

E madame Marize, á frente do marido, guiou para o quarto. Lá chegado, abriu o armario e fingiu olhar para as joias. Depois, quasi incoscientemente:

— Ah! está tudo...

— Mas, está certa disto?

— Certissima. Que idéa a sua! Porque havia ou de mentir?

Marize grzou, um momento, a angustia daquella mulher, reduzida ao ponto de negar um roubo, cuja suspeita, tendo de cahir sobre a outra, a torturava.

— Desculpe, minha esposa, mas você parece não estar dizendo a verdade.

— E que quer você, então, que eu diga?

Marize foi fechar a porta e, ao voltar, aproximou-se da mulher e, com autoridade, disse:

— Quero vêr!

Apanhou a caixa das joias e abriu-a: estava vazia.

— Como se explica isso?! — exclamou.

A seposa, voltada, com as mãos sobre o rosto, ficou sem responder.

— Pois vou eu dizer-lhe tudo! — falou elle. — A senhora mesma levou, hoje, as suas joias ao Monte de Socorro...

— Não é verdade! — interrompeu ella.

— ...para salvar Bauclère... — proseguiu Marize.

— E' falso! — tornou elle a interromper.

— ...o qual roubou dez mil francos no banco onde trabalha.

E, depois de uma pausa, concluiu:

— E esses dez mil francos, você os entregou a Bertha para que as levasse a Bauclère. A senhora treme apenas com o receio de que não

chegue a tempo de salvar do provavel suicídio o seu protegido.

E' falso! E' falso! — replicou, alto, a mulher.

Para maior prova do que quer negar, abí tem o dinheiro — disse Marize, jogando-o sobre a mesa.

Deante disso, a mulher tudo comprehendeu, e revoltou-se:

— Velhaco! Infame! rugiu ella, enquanto o marido se retirava, deixando-o presa no quarto.

Ella correu para o chapéo. Apsahou as notas. Pretendeu sahír, pensando que ainda estava em tempo de salvar Baucière. Havia de salvar-o!

Bateu na porta que o marido havia fechado. Tocou baldadamente a campainha. Ninguém appareceu.

Era noite, já. E a senhora Marize teve que passar toda a noite no quarto, sem poder sahír.

Fitava o dinheiro que tinha perto de si e chorava o supplicio de não poder utilizal-o como queria. Convulsa, febril, parecia estar vendo o rapaz que tinha ido supplicar a o salvasse. Via-o morto, aos seus pés, accusando-a...

Na manhã seguinte, o senhor Marize entregou á mulher um jornal em que vinha a noticia do suicídio de um agente de banco: fóra o senhor Baucière que se matara, durante a noite, estirando os miolos com uma bala.

JEANN BEIBRACH

A alma de Cusi-Coillor

— Odeia-o! dizia-lhe a mãe. E' um bruxo infame...

Porém Cusi-Coillor sentia-se incapaz de obedecer á velha e seu amor Sumaj-Uya cada vez mais augmentava.

Teria sido mais facil ordenar-lhe que vivesse sem luz, sem agua e sem ar; mas em tél-o, sem querer-lhe, era impossivel!

Sumaj-Uya era tudo para ella: sua felicidade, sua alegria, a propria razão de sua existencia.

Por elle ria, cantava, era boa e

JORNAL

— DA —

LAVOURA

Teleph. 663 End. teleg. CANNA
Redacção e administração
Rua 15 de Novembro 452 — 1.^o
andar

UMA VEZ POR SEMANA

TRATA DOS INTERESSES DA
LAVOURA, DA INDUSTRIA, E
CRIAÇÃO

Assignatura 15\$000 por anno

AO PUBLICO

A Singer Sewing Machine Company

communica ao publico em geral que, attendendo ao progresso desta capital, abrirá, brevemente, uma filial no Largo da Paz n. 360. Avisa ainda que se acham abertas as inscrições para as aulas gratuitas de bordados artisticos, devendo as pessoas interessadas inscrever-se em qualquer das filiaes:

Rua da Imperatriz 65 ou Rua Nova, 181

até amava áquellas que a odiavam.

Não era possivel cortar o talo duma flor e obrigar-a a viver. Sem talo, as flores vivem um dia, dois dez... Mas ella, separada de Sumaj-Uya, não se sentia com forças de viver um instante.

Cusi-Coillor não era como as indiasinhas de sua idade que gostam dos homens sem amar nenhum homem. Não. Ella preferia querer a

um só, porem muito, demasiado e para toda a vida.

Sabia que sua mãe e seus avós eram bons e que devia amal-os. Amava-os sim porém não como a elles...

Oh! Sumaj-Uya!

Foi numa noite linda, com um pouço de claridade, assim como um crepusculo que se prolongasse. Elle mostrou-lhe uma estrellinha branca, muito branca, que parecia

PÓ de arroz MIMOSA
PERFUMADO e ADHERENTE
DISPENSA USAR EXTRACTO
CAIXA 2\$500



mover-se, tremer, pular no céu intencionalmente azul.

— Estás vendo-a, Cusi-Coillor ? perguntou Sumaj-Uya. Deve ser a que subiu hoje ao céu. Como todas, como tudo, vivem antes na terra. E voou, porque a não deixaram amar, porque a mataram, matando o seu amor. Pobres estrelinhas! São as tristes noivas de terra.

Ouvindo aquillo, Cusi-Coillor estremeceu sem mesmo saber por que.

Seu coração palpitou apressado e suas mãos apertaram as de Sumaj-Uya.

Elle continuou:

— Vamos nos embora, si não queres que Pachacutaj te mande para ali. Fugamos para uma terra distante, onde ninguém não nos conheça e possamos ser felizes, onde vivas só para mim e eu só para ti, Segue-me?...

Ella, angustiada, submettendo-se-lhe, murmurou:

— Vamos!

E, juntos, perderam-se entre as arvores da floresta.

Atraz ficou, protegida pela sombra da serra, a cabana silenciosa, onde os velhos dormiam.

Um dos cães, o preferido de Cusi-Coillor, ladrava.

A lua escondeu-se como si tivesse medo do cão.

No dia em que os seus parentes, depois de muito procural-a, encontraram Cusi-Coillor, levaram-na para casa amarrada como um criminoso e, antes, deram uma boa surra de pau em Sumaj-Uya.

Desde esse dia começou o martyrio da pobre india.

Todas as noites, tocando a sua viola, rondava Sumaj-Uya a choça onde vivia enclausurada a sua Cusi-Coillor. E, ao ouvir as notas doloridas, uivavam os cães, calava-se o sibilo do vento, inclinavam-se as copas do arvoredo e no céu azul tremia mais do que nunca as estrelinhas, noivas tristes da terra.

E Cusi-Coillor chorava...

Pobre Cusi-Coillor!

Morreu a coitada, quando se lhe esgotaram as lagrimas.

Então, na cabana, choravam por sua vez os velhinhos, a mãe, os avós, sentindo extranho remorso.

— Ah! o bruxo! repetia a mãe de Cusi-Coillor. Levou nas cordas da viola a alma de minha filha!

Depois do entardecer, naquella dia, Sumaj-Uya vio surgir no céu nova estrelinha, uma estrelinha muito clara e muito distante, que parecia tremer como si tivesse frio.

E, durante a noite inteira, a viola de Sumaj-Uya resouo tristemente, como si fóra tocada pela alma de Cusi-Coillor...

Alberto Ostría Gutierrez.



O Tempo

Recebemos um exemplar do jornal "O Tempo" que se edita na cidade do Cabo. De feição sympathica, irreprehensivel composição typographica, e variada variedade de assumpto, bastaria o nome de seus redactores para fazer a apologia do confrade que em boa hora nos visita.

O corpo redaccional é composto dos srs. drs. Asdrubal Villarim, promotor publico do municipio, moço de talento e criterio cujo nome é sobejamente conhecido no meio jornalístico; Alonso de Souza nosso particular amigo e collaborador, que exerce com indiscutivel competencia a clinica local; Luiz de França Oliveira, zeloso encarregado do Posto de Saneamento Rural e os distinctos moços srs. Bertholino Paes e João de Castro respectivamente proprietario e gerente a quem o **Tempo** deve uma boa somma de esforços em prol de seu progresso.

Calçados de alto gosto

Verdadeiras novidades

CREAÇÕES NOVAS

Sapataria Menandro

RUA NOVA, 171

O Sabonete "RIALTO"
é o preferido por todas as pessoas
de bom gosto

De aroma delicadissimo e cuidadosa
confeccção, o seu uso
refresca e embelleza a pelle

Vende-se em toda parte

O SABONETE
ZANUBIA

rivalisa com os mais finos sabonetes estrangeiros
Uzal-o uma vez, é preferil-o sempre

Tintas para tingir em casa
SUMIOR

Tinge todos tecidos e em todas as cores
E' a ultima palavra em tintas para tingir

Exijam sempre a marca "Sumior"

VENDE-SE EM TODA PARTE

Unicos Agentes : **Martins Pires & Cia.**

Rua do Livramento N. 110--1º andar

A CRUZ DA PONTE

O cavalleiro que, vindo das margens de São João ou da Fazenda do Morro Grande, desce a tortuosa estrada, o sinuoso corredor que colleja o espigão a este de Santa Rita, chega cá em baixó, á "Chacara do Octaviano", á direita, deixando á esquerda a Santa Casa que Thomé Machado, o benemerito, construiu e destinou á pobreza, mas jamais pensou viesse tornar-se de futuro instrumento de represalia contra necessitados suspeitos de sympathia politica — o grande crime! — pela facção contraria á sua gente, fechando-lhes as portas.

Desce mais, coisa de cem metros, e chega á ponte que salta o corrego, o corrego do Aniceto — chamel-o assim já que nome não tem e o escrivão lhe mora sobre as aguas. A ponte antigamente era de madeira. Hoje, a prefeitura — que prefeitura nada! camara — mandou construir ahí uma outra, de tijollos. A tradição, a singeleza e a poesia rustica das coisas desaparecem ante a invasão delirante da civilização, mais esthera, porém, muito menos emotiva. Aquella pontesinha, com seus esteios de páo, suas vigas de madeira, seu soalho de costaneiras cobertas de terra, hoje passou á tradição. As reliquias desaparecem...

Passada a ponte, á esquerda fica a casa do seu Dico e, á direita, um paredão de terra.

Lá em cima se empoleira uma casinha com seu quintal.

Ouvi agora a historia triste do cavouqueiro que de meu primo soube (o unico que m'a contou — e por que? phantasia talvez de criança?) ha annos, meninotes eramos. Permitti tambem a phantasia minha trabalhar a lenda, que sem ella se resumiria em duas phrases, pois mais não dá.

*
*
*

Sentado no barranco do caminho, Quincas Pedreiro fuma seu cigarro e olha a estrada, deserta que já adiante sóbe o espigão. A mulher ha pouco que lhe veiu trazer o almoço.

Esposa carinhosa, mãe dedicada, era Maria Luiza o modelo das mulheres honestas e o exemplo das donas de casa. E mais ainda, era o consolo do marido.

Muita vez, desacorçoado da vida, desesperado, exausto e mesmo revoltado contra o destino, Quincas Pedreiro chegava em casa, louco, estuando em furia, resolvido a pôr termo áquella existencia de reprobo. Miséria! Todo dia mourejando desesperadamente, arrebatando-se ao trabalho bruto e jamais a sorte o acarinhava e lhe dava confort

to e esperanças! Não! era horrivel aquelle ramerrão contínuo, insupportavel, indefinido! Estourasse de uma vez!... E triste, abatido, desesperado, cabeça baixa, Quincas Pedreiro transpunha, a passos lentos, a soleira da ua singela casinha na rua do Picapáo.

A Rua do Picapáo — outra tradição que hoje só existe na lembrança dos antigos. Hoje, ella, a rua, é Quinze de Novembro (com Q grande ou em algarismos) assim como sua irmã ao lado, Rua do Sabiá, é Doze de Outubro, depois de ter sido, rapidamente, e com mais justiça, Major Paracatu. Cidadesinhas do interior que coplaes as denominações das ruas das capitães, revelaes não ter nomes illustres para memorar... nas placas das esquinas: Perpetuae o que é vosso, propriamente vosso, pequeno que seja. As grandes cidadesinhas perpetuarão os grandes titulos. E basta. Se vos desagrada a tradição, por vezes com o que fór legitimamente vosso. Por que coplar?

Sabiá ou Picapáo, pouco importa. Quincas Pedreiro chegava em casa. A mulher vinha recebê-lo, condoida. Abraçava-o e caminhava com elle para dentro. Conhecia a dôr do marido. Chorava, mesmo, muitas vezes por elle. Amava-o muito com esse grande amor que têm as mulheres simples pelos maridos rudes, mudos, abenegados. Mas, santa, resignada, procurava consola-o.

—Quincas, não te desesperes. Havemos de melhorar, dizia ella.

Não, Maria, Deus não é para os pobres. Deus só olha para os ricos, os grandes, sejam elles bons ou máos, Deus não é nosso — respondia-lhe elle, descrente. — E o mundo é o nosso castigo...

—Não digas isso. Sé forte. Não te desanimes. Luta, que qualquer dia vencerás.

—Vencer! Palavra que hoje para mim é utopia. Eu cri, sim, na victoria, algures. Hoje, não. Sei tudo. Os grandes espedinham os pequenos. Antes a morte...

—A morte?! Por Deus, Quincas, não digas isso. Vê, eu choro! — e a pobre soluçava. — Por tua mãe, por mim, por nossa filha, luta ainda! Vê, Mancelita dorme. Ella confia em tí. Si lhe faltares, que será deste anjinho?

Ao nome da filha, o operario levantava a cabeça. Um clarão de amor relampagueava-lhe nos olhos. Estremecia todo e, tremulo de voz, murmurava:

—Sim, Maria, tens razão. Viverei, lutarei. Que importe a alma sangue? Ao peso do trabalho, esqueceré o meu desespero.

E, olhando a filha adormecida, cinco annos apenas, rosadinha e loira, sacudia violento a cabeça e partia para o trabalho, apressado. A mortificação physica, si não extingue, pelo menos anesthesia o soffrimento anímico.

*
*
*

Agora levanta-se. Atira fóra o cigarro e pega o enxadão deitado para um lado. Forte, vibrado com vigor, o ferro morde a terra, manejando ás mãos callosas, aos braços fortes do vaqueiro.

Os momentos correm. As horas passam.

Meio dia. Surdas, tantochronas, rythmicas, as pancadas descem, cahem, succedem-se.

A terra desagregada amontôa-se em leiras successivas. Desfarçava, então, o trato de estrada que conduz da ponte ao "largo do Tiófo", descida muito clivosa então.

Suado, sujo, estafado, chapéo para a nuca, Quincas Pedreiro desbasta a barroza. Parece que não vê mais o que faz. Solapa-a a golpes tremulos excava-a por baixo. Já agora o barranco treme. Terrões despençam-se de cima e esro...

Quincas Pedreiro cava ainda, boroam-se ás costas do cavouqueiro cava mais, cava sempre. E cava o cava o proprio tumulo. Os olhos vermelhos, rajados de sangue, esbozalam-se ferozes.

O corpo treme como si tivesse febre. A alma fugiu-lhe. Ahí só trabalha um corpo movido a mando do cerebro. Quincas Pedreiro enlouqueceu...

E cava mais, e cava sempre. Subito, a terra scinde de cima a baixo, rua e desaba com fragor medonho, esbarrondando-s cá em baixo, em montão informe, sepultando o cavouqueiro! Um soluço terrivel, agoniado, dolorido, grugruleja no ar...

*
*
*

Hoje, lá ainda se ergue uma cruz de madeira, tosca e pequena, pendendo da borda do barranco, entre o matto damnhinho. E tudo quanto resta desse drama incognito e esquecido...

Vinhor insensível, passante indiferente — tu que transitas por ahí, distrahido, ergue os olhos e busca a cruzinha que lá a verás. Tira então com piedade o teu chapéo. E mesmo que não a vejas mais, talvez arancada, talvez desfeita pelo tempo, descobre-te ainda com respeito — porque ali para a lembrança de um drama real, doloroso e triste.

ARGENTINO PRIMO.

A EQUITATIVA

DOS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Sociedade de seguros sobre a vida

Sede social-AVENIDA RIO BRANCO, 125-Rio de Janeiro

Edificio proprio

74.º SORTEIO

Esta importante Companhia procedem em 15 do corrente o sorteio de suas apolices, premiando 55 dellas, inclusive cinco para esse Estado, no valor de vinte e cinco contos de reis..... (25:000\$00) dos numeros e possuidores abaixo declarados:

102.937 —Dr. José Camillo de Castro e Silva—Recife

102.279 —Amarillo Rocha Souza—Recife

120.552 —Vicente Augusto Vaz Cerquinho—Recife

136.93 —João Francisco de Mello Cavalcanti—Timbaúba

143.756 —Anselmo Ferreira Coelho—Piuma.

O segurado dr. José Camillo Castro e Silva, teve sua apolice numero 102.938 sorteada em 15 de Julho de 1924.

Peçam prospectos e informações aos seus agentes ou a

Succursal em Recife

Edificio de sua propriedade

Avenida Rio Branco n. 50, 1.º andar

(Sala n. 2)

Phone, 1926

Endereço telegraphico "Equitas"

A orgia do nú

(Aspectos da sociedade moderna)

Palpita no gelo da moda contemporânea uma febre, uma nervrose, uma ancia insopitada, irrefreável, de revelação de formas, de nudez, que é uma demonstração cabal, insophismável, positiva, da decadência moral em que mergulharam os povos.

A civilização marcha em espiral. Tem avanços e recuos, saliências e reentrâncias, elevações e declínios.

Estamos agora num desses recuos, numas dessas reentrâncias e declínios.

Tivemos depois da floração, do esplendor greco-romano, nas artes, na philosophia, no direito e nas armas, a decadência da Grecia e do Imperio Romano, o domínio do Mundo Barbaro.

Tivemos, depois a grandeza do Mundo Musulmano para cahirmos algum tempo mais tarde na asphyxia da Edada Média.

Tivemos a Renascença, as grandes descobertas, a Revolução Franca, a victoria do espirito sobre a força, mas não deixamos de ter ao lado de tão formidável surto de progresso, a peste negra se estendendo terriblissima, implacavel, por todo o continente europeu, espalhando a morte, a miseria, a desolação sobre milhões de lares.

E como zimborio, como cuspide, de tanto desenvolvimento material e espirital que o mundo hodierno apresenta, nós assistimos ao desenrolar da Grande Guerra, o desmoronamento da civilização mais completa, mais perfeita, que jamais o cerebro humano poudo conceber.

Quem quer que se entregue ao estudo da Pathologia Social, não deixa de ficar apprehensivo, alarmado com o alto coefficiente de morbidez que a sociedade moderna apresenta.

Vejam os a arte por exemplo.

E' um amontoado de cores disformes, extravagantes, bizarras, de onde fugiu por completo o sentimento artistico "rafiné", o aprimoramento esthetico, a discreção, a suavidade, a brandura e a vivacidade dos tons e das formas.

Reina o disparate, a multiplicitade de cores, a desharmonia de proporções, reveladora do estado anarchico, cahotico do espirito moderno.

A musica não podia fugir a essa derrocanda immensa. E' tambem uma infeliz victima dos desatinos, do destempero social de hoje.

Impera o Jazz-Band. Um conjuncto ensurdecador, satanico, selvagem, de bombos, rufos, guizos,

apitos, hastes de madeiras e de metaes, trombones estridentes, agudissimos, focalizando tudo isso, o frenesi, a loucura da sociedade contemporanea.

E o que dizermos das dansas modernas? A dansa que foi em outros tempos uma arte divina, o modo mais expressivo, mais puro de se cultivar ao Deuses, é hoje "uma esfregação de dois corpos, que volteiam, que se cansam", como disse Medeiros e Albuquerque, falando sobre o shimmy.

Mas, onde culmina o estado pathologico, da sociedade coeva, é na indumentaria.

O modo de trajar, hoje, do mundo feminino, é tudo quanto poudo haver de mais despuadorado, de mais provocante, de mais contrario aos sentimentos de religião.

E' a toilette curta, estreitissima, collante, deixando inteiramente á mostra pernas, collos, axillas, numa desordenada ostentação de formas.

E o modo de trajar é o primeiro ponto de partida para se aquilatar dos sentimentos, do caracter

da pessoa cuja alma pretendemos devassar.

A Archidiocese cearense acaba de iniciar uma reacção contra esses desatinos indumentarios.

Não acreditamos, porem, que seja bem sucedida nos seus desgnios.

Ha no fundo da psychologia humana os germens da degenerescencia. Foi assim, com a Grecia, com a velha Roma, com a propria Igreja Christã, da época quinhentista, cujos costumes pervertidos orginaram a "Reforma".

Deixemos que a humanidade se degenerere, é a sua finalidade, é improficua, a reacção.

A historia se repete.

E' a ordem natural, imutavel, das coisas. Primeiro o brilho, o prestigio, a força, depois a innoculação dos germens destruidores, os primeiros symptomas de degenerescencia, de "debacle" e para mais alem, a morte.

LUCIO DE ROBERVAL.

Para José Penante.

I

Canta uma lenda antiga e verdadeira,
que no ermo de um claustro silencioso,
Santa Thecla, a mais formosa freira,
resava num silencio fervoroso.

No entanto, um bando de aves, rumoroso,
logo ao começo da oração primeira,
vinha pousar num galho de roseira,
distrair seu silencio tão piedoso.

Desconfiou que era do Mal, assécla,
esse bando de passaros, a Santa,
que seu silencio, vinha distrair.

E no outro dia, a linda Santa Thecla,
com a mão de neve os passaros espanta,
e o bando nunca mais tornou a vir.

II

Assim como essa piedosa Santa,
eu te vejo na igreja, tão serena;
correndo o terço em tua mão pequena,
essa mão tão pequena que me encanta.

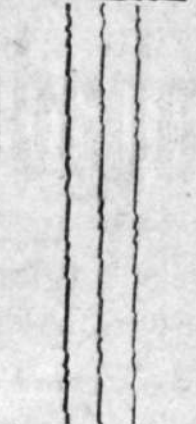
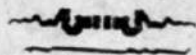
E a oração tão pura, tão amena,
que o teu labio, para o céu levanta,
cheia de graça, qual gentil phalena,
se eleva ao Deus, cheia de graça tanta.

Como o bando de passaros, assécla,
distrain o teu olhar de olhar a Santa,
affasto o teu pensar da oração.

Mas, ai! não faças como Santa Thecla;
não me faças fugir, nem a mão levanta,
Santa Thecla de minha devoção.

Recife, 1924.

MARTINS VARELLA



Santa Thecla





Pilulas do Abbade Moss

O máo funcionamento do apparelho digestivo — ESTOMAGO, FIGADO, INTESTINOS — tem acção immediata sobre o organismo, produzindo diversas manifestações, cuja origem é uma só. Mantendo o bom funcionamento do apparelho digestivo, curando-se a prisão de ventre, evita-se a tão commum e terrivel APPENDICITE, as enfermidades infecciosas e vê-se desaparecer as manifestações abaixo discriminadas, originadas pelo máo estado do ESTOMAGO, do FIGADO ou dos INTESTINOS

Dôres de cabeça
Indigestões
Digestões laboriosas
Flautulencias
Bilis
Hemorrhoides
Genio irascivel
Palpitações

Tonteiras-Dyspepsia
Pesadelos
Enxaquecas
Dôres do estomago
Calor na cabeça
Dôres no figado
Neurasthenia
Preguiça

Máo halito
Lingua suja
Fastio
Peso no estomago
Azia
Gazes
Falta de energia

E MUITAS OUTRAS MANIFESTAÇÕES

AS PILULAS DO ABBADE MOSS, com a acção directa sobre o ESTOMAGO, FIGADO E INTESTINOS eliminando as causas, evitando "absolutamente a prisão de ventre, proporcionam desde o começo, bem estar geral, aceleram a digestão, descongestionam o FIGADO, regularizam as funcções digestivas e fazem desaparecer, em pouco tempo, as enfermidades do ESTOMAGO, FIGADO E INTESTINOS.

Vende-se em todas as Drogarias e Pharmacias do Brasil — Heinzelmann & C. — Rua 1.^a de Março, 151 — sobrado — Rio

Semanario de artes, humorismos e mundanidades

Director proprietario — Alfredo Porto Silveira

Redacção e administração: rua 15 de Novembro 331, 1º andar
Phone, 45

CIRCULAÇÃO AOS SABBADOS
Numero avulso 500 réis — Numero atrasado 800 réis

Assignatura annual 25\$000. Assignatura semestral 15\$000

Representante no Rio de Janeiro e São Paulo: dr. Luiz Mendes, avenida Rio Branco, 127, 2º andar. Rio de Janeiro.

A Silheria

Anno V — Num. 174

Recife, 24 de Janeiro de 1925



A NOTA DOS SETE DIAS

RURALTO

Já vive pela cidade, em toda a parte, a alegria bulhenta e deliciosa do carnaval, a festa mais ruidosa e mais franca de todas as festas do anno. O carnaval não interessa apenas á turba que se sacode pelas ruas, em doidos saracoteios de uma farandula desbragada. Vae mais longe. Mexe com os nervos de toda a gente, desde o modesto operario que despe a fardeta oleosa do trabalho para metter-te num manto vistoso e rico de príncipe, até o alto dignatario da politica que sacode para o canto o frack elegante ou a casaca luxuosa e enfarpella-se no "sacco" largo e nas pantalonas "balão" do apache de lenço ao pescoço e navalha á cinta. E' assim o carnaval. A gente deixa cahir a mascara da tafularia habitual e cae de corpo, alma e tudo, na baderna formidanda e deliciosa que vive pelas ruas, pelos clubs, pelos cafés. Ha homens sizudos que se aproveitam da experiencia que lograram obter na vida para tirar da loucura do carnaval tudo quanto ella pode dar. Ha cidadãos de alta força moral que "derrapam" nos tres dias da folia. Ha jornalistas que deixam cahir a penna e o pensamento de altos problemas vítaes da nacionalidade, jornalistas de alto cothurno, para compor dia e dia a phrase espirituosa, o dito acanalhado, o verso duvidoso, alegenda pouco honesta, que tão bem sabe ao paladar do povo. São elles que atiram á multidão a phrase chula que, tresandando a canalhice, faz espoucar a gargalhada obscena do populacho, desse populacho que, após gosar a pela rua, levaro ao lar, á esposa, aos filhos, para que a aprenda, para que a decorre, para que a passa aos visinhos e, entre duas risadinhas garotas. Ihe gose o quanto de sujeira ella, muitas vezes, contem. Pelo carnaval a deliciosa galanteria do espirito não tem graça. Fez-se preciso algo de forte que faça arreganhar as mandibulas. E, para isso, nada como a phrase dura, cheia de canalhice e de sujeira, dita grosseiramente, entre duas baforadas de alcool, num tom de voz tão canalha que provocaria repulsa se não houvesse desabado pela cidade a loucura da guisalhada e das fanfarras de Momo Mas, é assim mesmo. E tanto é assim que o patrocínio á barulhenta e deliciosa festa pagã vem das altas autoridades, dos mais representativos luminares da imprensa, de mim, de ti, leitor, e de toda a gente.

Assim, vamos á loucura que se approxima, ainda que a aceitar como humorismo bom, sadio, as phrases chulas e os dítos grosseiros dos mais autorizados carnavalescos da terra.

JOÃO

OUTRO

Dezembargador Antonio Guimarães

Vem de ser eleito presidente do Superior Tribunal de Justiça, deste Estado, o illustrado desembargador Antonio da Silva Guimarães um dos nomes mais representativos da magistratura pernambucana.

Com um passado brilhantissimo tendo occupado já o cargo de chefe de policia o desembargador Antonio Guimarães tem sempre traçado a sua vida por uma linha de integridade digna de especial registro.

A escolha de s. exc. para este elevado cargo repercutiu satisfactoriamente em todos os circulos onde s. exc. desfructa o melhor e o mais justo conceito.

A Pihleria que admira o sr. desembargador Antonio Guimarães felicita-o com toda sympathia.

o o o

Para a virgem dos meus sonhos...

Nunca acredites oh! virgem dos meus sonhos, num amor infinitamente puro, toda sinceridade, virtude e grandeza...

Um amor feito somente de beijos, anseios, juras e supplicas. Um amor todo poesia, candura, perfume e leveza. Um amor que jamais fenega, que renasça a cada beijo, a cada lagrima, a cada instante...

Não, é mentira, é impossivel se amar assim! Faz mal á alma da gente, desmorona todo o mundo utilitario que nos cerca.

Faz sangrar o coração e, ás vezes nos leva até a tumba fria e abandonada, ao pé dum esguio e fúnebre cypreste.

Amar, acreditar cegamente em alguem, cultivar um immenso rosal no coração e pagar com flores as angustias duma allucinada e desmedida paixão é pagar muito poetico, bello e espiritual, mas faz tanto mal a gente!...

Levar a vida assim, somente pensando, sonhando e desejando aquella que é deusa em nossa alma e dona de um throno em nosso Eu...

Mas ai! Quem neste mundo poderá, entretanto, viver sem uma afeição! Quem poderá passar assim indifferente a tudo, sem ser atingido pela grande chamma do

Amor! Sem ter uma criatura muito terna, dulcissima, toda caricia, muito delieada, toda amor, para, quando nos momentos de desesperos e agonias, nos dizer ao ouvido um conselho, um ciclo, uma queixa, uma só palavra ás vezes, que nos leve ao paraíso, que nos encha de novas crenças e novas energias para a ardua batalha da vida!

Quem ha de poder resistir a sublime tentação de, em chegando á sua casa, seja palacio ou choupana, á noite, empregnado das rudezas da lucta no decorrer do dia, quasi a esmorecer, falho de energias, diante da medonha lucta pela vida, cada vez mais crescente e, de longe, á nossa porta, divisar um vulto de mulher, a nos procurar, ansiosa entre a multidão que passa, indifferente.

E em chegando ao lar, quasi sempre uma tola e adoravel pergunta qualquer, cheia de garrulice. Ora, uma promessa a mais, um beijo, um presente, um affago, reflectindo toda a alma, um roçar de corações e, como por encanto, eis todo o cansaço da vespera desaparecido.

E de então, tudo felicidade e esperanças novas, para o amanhã que decerto hade surgir mais limpido e suave.

Tudo fóra somente o contacto daquella que, em toda parte, longe ou perto, alegre ou triste, comnosco sempre estará, toda magia, a nos apontar o céu, a nos prometter um mundo de encantadoras virtudes, dando paz ao nosso espirito e mais amor ao coração...

E' tão anniquilador, ás vezes, o amor!... Mas quem hade poder resistir a encantadora e divina as-

piração de um dia, ter um coração feminino muito nosso, para semear um pouco de flores e risos innocentes estrada afóra de nossa vida... quem hade?...

Lembro-me bem:

Por uma dessas tardes, fim de dia calorento, viajavamos num "tramcar", eu e um amigo que muito atarefado, dizia-me: "não posso continuar assim, sinto-me esmorecer, a lucta pela vida, a manutenção da familia, do lar, tem sido anniquiladora para mim, já não sei o que fazer, desfallego". Quando num dado momento, á approximação do vehiculo dum sitio afastado do bullicio absorvente da cidade, senti que o nosso amigo respirava melhor, commentava com verve os acontecimentos do dia!

Interrogué-o então, porque havia resuscitado nelle tanta alegria!

— Um confortante motivo — disse-me elle; "é que tenho uma criatura a quem chamo esposa, e de longe, já estou eu a presentil-a"...

Attendendo ao convite cavalheiresco do nosso amigo, accedi em acompanhá-lo ao seu lar ditoso, queria conhecer de perto a sua milagrosa esposa. Chegámos. A' porta estava uma franzina e bella criatura a quem eu cumprimentei com veneração e a quem logo em seguida fui apresentado.

Ella ao recebê-lo, com um lindo sorriso á flor dos labios, foi lhe dizendo logo qualquer segredinho de namorados, contou-lhe, alguma traquinagem sua ou dos pequeninos que mais adiante saltavam, barulhentos.

E dentro em pouco, o nosso amigo, com um aspecto invejavel de verdadeiro, trocava commigo e sua companheira, idéas sobre politica, artes, modas, etc.

E' que, si durante o dia habita elle um inferno de labutas amargas, á noite, lá num recanto quieto de arrabalde, espera-o um lindo céu, cheio de anjinhos, que são os seus filhinhos e uma criatura a quem chama docemente de esposa, que melhor poderia chamar-se deusa de graça e conforto, a renová-lhe a cada queda, a cada fraqueza, as suas energias para que possa enfrentar esta vida tão material e laboriosa, que se alguma coisa de bom nos offerece, é lão somente o amor e um lar feliz!

E quem hade poder resistir á sacrosanta tentação de um lar feliz, uma esposa meiga e um punhado de innocentes e traquinos pequerruchos?!

Recife.

JAYME GRIZ.

Cabellos

UMA DESCOBERTA CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE REIS

A "Loção Brilhante" é o melhor específico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. É uma formula scientifica do grande botânico Cround, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

É recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro, e analysada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

- 1º — Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.
- 2º — Cessa a queda do cabello.
- 3º — Os cabellos brancos, descoloridos ou grisalhos voltam á cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.
- 4º — Detem o nascimento de novos cabellos.

- 5º — Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.
- 6º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio. A' venda em todas as drogarias, perfumarias e pharmacias de primeira ordem.

Alvin & Freitas, cessionarios da Caixa Postal n. 1379 — São Paulo.

FALAR VERDADE...

Ella nunca soube quando eu lhe fui sincero. Porque em materia de amor eu deixo, sem contestar, que se digam todas as inverdades. E mesmo quando se afirma uma verdade eu não confirmo nem desminto. Não falo. Sorrio. E ninguém sabe ao certo o que julga saber.

Como eu a encontrasse sósinha uma tarde resolvi contar-lhe qualquer coisa.

— Você, minha querida, como vai passando?

— Assim... assim. Muito aborrecida com você. Ora, você anda dizendo...

— Não acredite nada no que dizem...

— Mas você mudou... Está tão diferente.

— Sou o mesmo. Ciumes, meu amor. Você sabe quanto eu gosto de você. Se dei até

nara escrever lyrismos e futilidades. Quer mais? Qual é a prova que você exige? Diga...

— Nenhuma. Eu acredito em tudo o que você diz.

— Então, até logo.

— Adeusinho...

No outro dia, depois de ella ter contado ás suas amigas a minha paixão, as minhas palavras amorosas, tudo o que permite a vaidade de toda mulher convicta de ser amada, eu tornei a encontrá-la.

— Então? Bóas tardes. Está contente?

— Estou. Julgo-me até uma amazona vencedora.

— Assim?!

— E' você dizia que me não queria bem... que eu era quem estava amaijonada...

— Então você não gosta de mim?

— Sim. Gosto muito, até...

Mas a conquista devia partir de você. O amor, você sabe, tem escaramuças, recuos, ataques...

— Eu estou de accordo. Fui por isso que hontem fingi, brinquei com você. Tática de guerra.

— Ah! "seu" Antonio você é assim?! Eu não devia acreditar nunca em você

E' serio isso?

— Serissimo. Estava brincando.

— Não fale mais commigo.

— Pois não. A senhora pode ficar tranquilla...

— Passe bem.

— Felicidades.

E vivemos assim.

Uma investida. Um recuo. Outra investida...

E ella não sabe nunca quando eu lhe falo verdade.

Se ella soubesse...

Antonio Fasanaro.

Pará intellectual

Afim de que o povo de minha terra (pois, eu sou pernambucano, ainda que somente de nascimento) conheça um tanto do movimento literario do Pará, nestas linhas mal ditadas vou fazer um pequeno estudo sobre o desenvolvimento das letras naquella terra oeliciosa e amiga que me educou e que tanto amo, como se fosse minha.

Ha um grande numero de annos, fundou-se em Belém, uma sociedade denominada "Associação dos Novos" com o fim de desenvolver o espirito e educar a imaginação dos rapazes que naquella epocha commungavam a hostia santa da Poesia. Succederam-se os annos e sempre florescente a "Associação dos Novos", foi se desenvolvendo até a data de hoje, dando ao Pará, os poetas e prosadores finos que hoje possui.

Acredito não ser necessario dizer em primeiro logar, que o grande poeta e escriptor admiravel Humberto de Campos é paraense.

Eustachio de Azevedo (Jacques Rolla), Apollinario Moreira, Severino Silva, Deodoro e Dejaré Mendonça e Othillo Tavernard, foram, por bem dizer, os iniciadores da grande obra que é hoje a "Associação dos Novos" do Pará.

Annos mais tarde, sob a influen-

cia desses mestres, appareceram os primeiros e verdadeiros "Novos" que, crianças ainda, allemos bem, são o attestado do grande desenvolvimento intellectual do Pará.

Elmano Queiroz, Ernani Vieira, De Campos Ribeiro, Paulo Oliveira-Theodoro Brasão e Silva (Théo), Luis Gomes (Jacques Flores), Bruno Menezes, Julio Martins, Orlando Moraes e outros cujos nomes me fallam á lembrança, iniciaram entao os seus primeiros passos no verso, e na prosa, fazendo com que o Pará tivesse conhecimento de que possui fibras sensíveis e sensibilisadoras, verdadeiramente poeticas.

Ha dois annos, porém, começou uma verdadeira evolução na corrente poetica paraense e appareceram então á luz da publicidade, os versos sublimes de José Simões (José Solimões), Muniz Barreto, (Fabricio da Veiga), Sandoval Lage (Sande) o Benjamin dos poetas paraenses, Gabriel Lage, de quem esta apreciada revista publicou um bellissimo soneto no seu numero passado; Raymundo Peres, Raymundo Ramos, Scylcente, humorista e lyrico delicioso), la Lage, Lindolpho Mesquita (Zé Vias senhoritas Brites Motta e Marisa (Pseudonymo) e outros deliciosos poetas daquella terra linda e hospitaleira.

Fez-se assim, uma verdadeira evolução literaria no Pará e ha me-

nos de um anno Sant'Anna Marques, apenas sahido dos bancos gymnasiaes, demonstrou-se um chronista brilhante, e de uma vibratilidade assombrosa. Clovis Gusmão, muito joven ainda é o poeta que descreve do Mundo de Deus, é o atheu que em seus versos lindos e admiráveis, arrebata com os seus pensamentos elevados. Fiz uma selecção desses dois jovens, porque de uma educação finíssima, ambos, muito lindos, são os maiores pessimistas que o Pará possui; são como eu, os admiradores de Vargas Vila.

O Padre Cupertino Contente, polemista de merito e chronista elegante em seu estylo, redactor do "Estado do Pará" é tambem um dos mais jovens prosadores paraenses. Secunda-o, Misael de Seixas, Farias Gama, Edgar Proença, que Recife conhece, Manoel Lobato e Alcides Santos, todos estes tambem finissimos chronistas.

Eis, em poucas palavras, alguns traços rapidos sobre o que é o actual Pará Intellectual.

Iniciarei agora, nas paginas desta querida revista, uma secção intitulada "Intellectuaes Paraenses", publicando semanalmente, chronicas, contos, versos, etc., dos prosadores e poetas, nossos irmãos do extremo Norte.

MARTIN VARELLA.

TELEPHONEMA

O "apanha-maçãs", methodo adoptado para fazer emmagrecer, está em moda na Europa. O exercício é simples.

O candidato a reduzir a amplitude das linhas de seu corpo, une-se a uma parede e pondo-se nos bicos dos pés trata de apanhar uma maçã imaginaria que se ache fóra de seu alcance. Repetido esse exercício varias vezes observará o paciente que o seu corpo se adelgacará.

É interessante. No nosso paiz não sei se a moda pegará. Dada porém a escassez das maçãs, o saboroso e cubigado fructo responsavel pela tentação de nosso pae Adão, poder-se-á imaginar apanhar nickéis. Teremos assim os "apanha nickéis". E se a moda pegar, está de parabens o coronel Julio Cavalcanti, o homem que nos cinemas, theatros e cafés procura sempre um lugar perto de um ventilador...

Noite de sabbado no Casino de Boa-Viagem. Nelson Vaz atacava:

"Sim! não tenho bananas, hoje". As cabecinhas de vento "fox-troteavam" e "fox-troteavam" as duas únicas filhinhas de Mme. Nelson parára e emquanto os pares com estridosas palmas pediam mais um bocadinho. Mme. em se aproximando do elegante rapaz, fuzilou-o:

— Não dance tanto com minha filha mais velha; assim vão dizer que já são noivos.

Soirée seguinte. Nelson atacava o "Papa angu" e os pares "right-timeavam". A pequena, chegando-se ao rapaz, estrilou:

— Não dance com as outras; fique sempre ao meu lado.

O rapaz comprehendeu a cilada.

O carnaval ahí vem e elle tem um Fordzinho.

Estava em festas o Casino da aristocratica praia balnearia. As mais lindas pequenas, ellas, as "bóas", entrelaçadas aos pares trocavam sorrisos, presas ás cadeias dos braços dos "mãos".

O joven millionario F. A. dançava com Mlle. N. B., deliciosamente boa, com suas barbas loiras, trazidas de sua ultima viagem ao Velho Mundo. No seu tique, porém, o de atirar o queixo á frente sacudia malvadamente as barbas do que Mlle. se defendia heroicamente. E o dono de um fino espirito irresistivel, observando isto, atacou:

— "O homem da vassoura vae-se embora! lá se vae elle!....."

Meio-dia. A' mimosa salinha do famoso chalet de Setubal, chega o E. S. a anunciar:

— Uma elegante festa no villino do meu "amigo" Guilherme; a casa está toda cheia das empregadas da "Casa Black" as encantadoras calxeirinhas, as deliciosas.....

A isto o cadaver que estava estendido numa rede, a esperar as tres horas da tarde para baixar á sepultura no Recife, abriu os olhos, limpou-os, vestiu o palitot e tocou pr'a lá.

Quatro horas. A festa rolava. Realizavam-se agora, corridas na praia. Ellas de pés e pernas nu'as corriam, tendo sempre a estrella Dalva á frente. Era estrella, devia brilhar. E o cadaver atirava-se á uma "boa" de pernas grossas: — um Hudson moderno de pneumatocos balões, dizia-me elle.

— Segura ahí, aquelle Chevro-



let!... Não! eu fico mesmo com meu Es:exzinho!...

Seis horas. A festa voltára para dentro de casa. A casa rutilava de graças e de belleza. Começaram as danças. Ellas dançavam descalças.

— E' as dansarinas descalças, affirmara alguém.

— Mas feita o E. S.! Onde está? Estava na praia a vér se acertava com o "olho do porco".

Dez horas! O cadaver? Alguem no Recife fazia pena vela tão deliciosamente triste... tão encantadoramente saudosa!...

A familia do cadaver protestou: foi a festa e o levou para a praia.

Ah! teve logar sua inhumação, a systema russo. Emquanto se lhe jogava areia, o E. S. dançava e o côro enchia:

Oh! Anna! Oh! Anna!

Senhora minha mãe, vou já!...

Jockey Club de Pernambuco

Realizou-se na ultima quinta-feira, com todo brilhantismo, a soirée blanche que a importante associação Jockey Club de Pernambuco, realisou no Casino de Boa Viagem em homenagem á delegação desportiva do C. R. Flamengo, actualmente em Recife.

Presidio a alludida reunião que teve um cunho de absoluta distincção a mais absoluta cordealidade.

A assistencia á referida soirée foi seleccionada e escolhida.

Somos gratos ao convite que nos foi enviado.

Ap. pelo B.G. de Pernambuco
sob nr. 101 de 20 de 1916

Os compridos vermiculos da
ASCARIDINA
expellem as **LOMBRICAS** sem
necessidade de purgantes
Vende-se em todo o **BRASIL**
F. Cunha & Cia - RUA da IMPERATRIZ 270 Recife

Arnaldo Albuquerque

A bordo do transatlantico Zelandia, embarcou para o Rio de Janeiro na ultima quarta-feira o distincto cavalheiro sr. Arnaldo de Albuquerque um dos socios da acreditada Casa Excelsior.

A viagem do digno commerciante prende-se a interesses do alludido estabelecimento, isto é, adquirir um luxuoso e moderno sortimento de calçados e chapéos para attender aos interesses da sua selecta freguezia.

Do flirt, do footing,

Amanheci saudoso e pensativo;
apathico e sentimental.

Quando amanheço assim fico com medo
de mim mesmo...

E' exquisito! Perco a calma...

Tomo, pois, do chapéu; saio de casa cedo
e lá me vou, cidadão a tórta, a esmo,

só para não fazer de meu estado d'alma
a razão, o motivo

desta chronica frivola, banal.

Preciso de escrever, porém. O Silveirinha
já hontem me escrevia: "Tem paciência,

"perdôa a impertinência,

"mas, envia-me pelo *almofadinha*

"portador deste a chronica e os teus versos.

"Tens motivos demais, casos diversos...

"Explora bem a inspiração magana

"que sóe te dar de graça a Cidade leviana.

"Dize dos bons *pirões*, desses *pedaços*

"que andam a entontecer a humanidade inteira

"na MAURICE'A ALLUCINADA. Adeus. Abraços.

"Teu ex-corde, Silveira".

Minha Musa, entretanto, é ás vezes caprichosa.

Hoje amanheceu pyrrhobica,

neurasthenica, esquiva.

Com ser mulher, é fatua e *melindrosa*.

Nada me inspira. E como dar a chronica?

Minha Musa é assim ciumenta e sensitiva.

Ciúmes, bem sei. Ella me viu saudoso

e scismarento:

viu-me a evocar alguém como um grande amoroso
e tudo comprehendeu num só momento.

Ella já sabe que a que me quer bem,
a minha *Doce Ausente*, o meu *Alguém*
ha dias escreveu-me umas coisas gentis,
umas phrases tão lindas e tão puras
que me valêram por milhões de juras
de que eu um dia hei de ser mui feliz.

Dahl todo o capricho impertinente
de minha Musa em me negar inspiração
para a chronica de hoje. E' indifferente....
Mas deixar de escrever? Isso é que não.

Affasto a idéa sentimental,
o meu estado d'alma e a alma da Rua olhando,
entre ironico e lyric, affinal,
vou, mentalmente, a chronica traçando.

A Rua Nova, cheia de sol
ainda tão cedo já discute o *foot-ball*

(que não discuto e pelo qual jamais arengo).

O *Sport* tem maniacos de cruz:

— Você é besta! Eu sou pelo *Santa-Cruz*.

— São uns *cangueiros*. Eu aposto no *Flamengo*...

— *Cangueiros* não senhor! O *Santa-Cruz* é ossó!

Vais vêr com quantos páus se faz uma canôa.

— Pois meu palpito é 7 x 0...

— Céus! Que ouço!

— Ora, seu bobo! Não falle á tórta!

E eu que detesto o *foot-ball*, eu que abomino
o *sport* horrível, o brutal jogo bretão,
fico a pensar, fico a tremer pelo destino
de nossa terra entregue a tanta brutidão.

Não fui ao campo, não assisti á *torcida*
das *melindrosas* que aos gritinhos ficam rouces:

— Bebê, meu negro!

— Ah! Tancredo!

E as lindas bôccas
têm hysterismos a qualquer *forte* investida.

— Baptista, meu Amôr, anima! Pega a bola,
Juquinha! De com força!

— Ah! shoota, shoota, Zilo!

E ha tanta gente que no *stadium* perde a bola
e não vai para o asylo!...

Vi que a Cidade toda foi ao jogo

na quinta-feira. Todos, menos eu...

Ella tambem não foi. Eu ponho a mão no fogo...

Por isso ainda não sei quem ganhou ou perdeu.

Não vi, não sei... Ha uma politica sportiva
entre nós que faz gosto... A discordia e a má fé
são o seu alimento. E a discussão de oitiva
vale bem a eloquencia atroz do ponta-pé...

Dest'arte, quem me diz que o *Santa-Cruz* perdeu
honrosamente a 3 x 0?

Quem me vem affirmar que o *Flamengo* venceu
por seu grande valor e seu jogo sincero?

Mas, que me importa a mim haja ou não apanhado
o "*Santa-Cruz*" ou o "*Flamengo*"? Ora, mais essa!

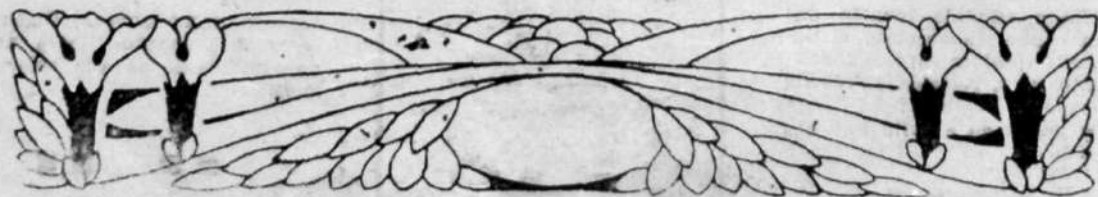
— E o encontro de amanhã com o *seleccionado*?

— O *foot-ball* de nenhum modo me interessa...

Comtudo, anda a me dar tédio e neurasthenia
o coice estylizado e contagioso...

Recordo ainda a temporada da Bahia...

e a penultima: a paraense... Foi um gôso!



da Rua Nova

Agora, todavia, é um pouco diferente...
Ha *compostura* e educação de lado a lado.
Os Cariocas são, de certo, boa gente.
E os nossos clubs civilizam-se um bocadinho.

Houve bom gosto, houve finura, houve lealdade,
é bem provável, é certo. Vamos ver,
entretanto, amanhã, se esta linda cidade
não tem dois modos de dizer...

E, enquanto a Rua, heróica do ponta-pé consagra
louvando Telephone, e Junqueira, e Aiarcon,
e Tancredo, e Bebê, a minha *Linda Magra*
passa e me dá com o olhar um grande beijo bom.

A minha *Linda Magra*... E' esquia, flexuosa,
toda doçura da cabeça aos pés.

— Olha, eu conheço a *bandeirinha* do Inojosa,
a Bandeirinha...

— Minha filha, por quem és!

— E' o vellocino d'ouro... Elle que aprume o barco
para a Colchida estranha; o esplendido Porvir...

— Eu já disse a Inojosa: — Olha, *embandeira* em arco
depressa!... A *bandeirinha* vai partir...

A' porta da Bijou o colossal Chalitha
mettido num *Palm-beach* de "alto lá!"
côra de uma maneira excelente e exquisita
ao lembrar as *gaúchadas* do Pará.

E amavel, transbordante, irresistivel, fino,
convincente, loquaz (Virgem Nossa Senhora!)
prêga as virtudes do *Palm-beach* genuino
e as excellencias do *Vermouth Cora*.

— Chalitha! gritam-lhe de toda banda.
E o bom gaúcho, sorridente e fallastrão,
é bem o genio da Propaganda:
é o *estylista* da *Cavação*.

Da *cavação* honesta e seria, é bem verdade,
de bem saber *carar* com picareta opima,
a cada instante e em qualquer parte, uma amizade
nova... e em cada freguez, uma sincera estima.

* * *

— Tens ido a Pinto Filho?

— O genero me agrada.
porém... — Bem sei. Porém... Lecticia Flôra...



Mlle. Bertha Guimarães: gracioso elemento do "set" recifense



— Porém... — Porém... — Olha, é melhor não dizer nada.
— E' melhor. *Dá o fóra*...

— Ora você a procurar razões sinceras
para oppôr ao mau gosto colectivo!
— Não sei. Mas lá não vou. Vou ao Circo de fêras...
Eu hoje amanheci saudoso e pensativo...

* * *

E assim, com vagos e innocentes commentarios
e alguns dialogos talvez imaginarios
sem auxilio da Muza enfatiada e pyrrhonica,
espicho aqui, sem fórmula rebuscada,
da sexta-feira 23 na madrugada,
meu plantão de jornal... transfigurado em chronica.

J O ã O — D A — R U A — N O V A



BA - TA - CLAN

Domingo 18. Residência do sr. João Pessoa de Queiroz.

Ao penetrar a elegante vivenda, sentimos a surpresa alegre de quem penetra num templo de harmonia e felicidade, beleza e discreção; nos salões de encantadora disposição ornamental, desde os quadros nas paredes aos móveis delicados, tudo parece arranjado por frágeis mãos de fadas orientaes;

O ambiente de silenciosa contemplação perturba-o, apenas, os risos claros de tres luminosas deidades, ou a conversa alegre de pessoas presentes;

E, ás vezes, como para tornar mais evidente a idéa que formamos da religião do lar, notas musicas se evolvem das cordas do piano, por cujos teclados os dedos agéis de uma senhorinha passavam, cantando:

Uma alegria sobria e distincta;

Uma como visão interior de felicidade nas filigranas de neve de um sonho muito longo.

Tarde de domingo. Ao chegar, em companhia do Anísio Galvão, que horas depois, deveria partir para Europa, oíço as notas de uma musica que me não é desconhecida.

E ao piano vejo mlle. Carlinda Jouvin, ladada de seu irmão, de Mlles. Mocinha e Carmen Queiroz, e de João de Queiroz Cabral.

Executa a marcha com que o Joãozinho se vem de revelar um delicioso compositor.

Apresentações:

— O dr.

— Carlinda Jouvin.

— *Necessito dizer-lhe, senhorinha Jouvin, que li, hoje, o seu conto publicado no "Jornal do Commercio", que me deixou a melhor impressão: além de uma idéa interessante, original, o estilo espontaneo, fluente: um trabalho moderno, leve, que agrada á nossa sensibilidade.*

Mlle. Jouvin — Muito obrigada; mas o sr. é muito lisonjeiro.

Mlle. Mocinha Queiroz — E ella tem outros trabalhos escriptos, todos subtile, agradaveis como as "Variações".

— Tem que os ir publicando. . .

Mlle. Carmen Queiroz — Aconselhámos-a já, a isso. Ella, emtanto, não quer. E a escrever, tambem.

Mlle. Mocinha Queiroz — Ha tanto assumpto no Recife para um cronista, sobretudo para a Carlinda, que ainda não conhecia a cidade!

— Bem vê, Mlle. Jouvin, que não ha desanimar. O seu trabalho de hoje revela o seu talento e as suas

aptidões intellectuaes. E eu hei de dizer aos litteratos do Recife — aos novos que é com quem convivo — que se acha nesta capital mais um brilhante espirito feminino. . .

João Cabral — E' fazer justiça.

. . . No silencio desta casa, onde tudo é belleza e harmonia; na convivencia brilhante desses dois lyrios de graça e de encantamento que são as senhorinhas Mocinha e Carmen Queiroz, de cada uma das quaes podemos dizer como o poeta:

"Alma não ha que se não dobre
A esse exemplar da Perfeição:
Olhar que a fite, é como um pobre
Que estende a mão";

Neste ambiente de fina espiritualidade, poderá Mlle. Jouvin evocar outras tantas Lindinhas e tecer-lhes as vidas e com os fios de ouro de sua prosa elegante.

Mlle. Mocinha Queiroz — Ella é muito tímida: diz que receia a critica.

— A critica tem que ser sincera. Depois, todo o que se inicia na vida litteraria deve ser, sobretudo, ousado. A modestia, hoje, é um crime. A timidez, outro. Escreva, que não faltará ensejo de publicarem-se os seus trabalhos. Não nos agradeo tanto, o de hoje?

E mlle. Carlinda Jouvin, com os seus grandes olhos claros, sorri ligeiramente.

Sentando-se ao piano, executa, com emoção feliz, trechos de musicas classicas:

— Além de intellectual, pianista eximia.

Approxima-se o Anísio Galvão. E mlle. Mocinha Queiroz, com muita graça:

— O' "seu" Anísio, pois então vai embarcar! . . .

E eu vi quasi uma lagrima brilhar nos olhos desse meu querido amigo.

Ao visitar a residência do sr. João Pessoa de Queiroz, Anísio Galvão sente-se feliz. Sem pai, sem mãe, tendo alguns parentes, apenas, desde os dias de adversidade, que a sua estranha sensibilidade sempre procurou occultar, foi nesse lar distincto que encontrou os maiores

amigos e as atenções que lhe faltavam para animar-se a lutar e a vencer.

Por isso observei quasi uma lagrima trazer-lhe aos olhos um pedaço da sua alma áquella exclamação suave e emocionante, espontanea e gentil de mlle. Mocinha Queiroz.

E a estas horas, olhando as aguas verdes do "mar selvagem", estará, sem duvida, o delicioso artifice do verso e da prosa, evocando todo o Recife, que sempre amou, que leva na alma e nos olhos, como uma visão de cinematographo, para as movimentações subtile dos seus momentos de silencio.

A creatura muito leve.

— Quem é essa creatura muito leve, que você diz "a mais leve do Recife"?

E' a pergunta que oíço a cada momento. E a todos respondo:

— Um mysterio. Todo o seu encanto está, em ser assim, um pouco mysteriosa! Sempre foi poesia, o mysterio. Si eu mesmo a não conheço! E' certo que os meus olhos a vêm. Eu, porém, não a conheço. *Vejo-a subtil, irrequieta, com um delicioso espanto nos olhos, com uns vestidos impressionantes pela combinação de cores, que revelam, bem, o seu requintado gosto esthetico; e quando passa pela rua Nova, digo, baixinho:*

"Essa mulher formosa e santa

Passa entre os homens — atravez
De himnos de amor que o chão

levanta

Sob os seus pés".

A's vezes imaginosa em uma praia, a brincar com o mar. E penso:

— Ella é tão leve que as ondas a carregam dizendo todas, no ciclo de suas espumas, que estão a carregar a petala de uma flor.

E', sem duvida, a mais creaturinha do Recife.

Naturalmente, para ouvir de mim, alguma revelação, alguém me referiu residir, essa estatuetta modelada em ouro, num palacete encarnado:

Confessei, á arguição, que o encarnado é a sua côr preferida, pelo que hei visto:

Sapetinhos de velluto encarnado, vestidos rubros a bolsinha encarnada. . . parece, dest'arte, ser muito alegre, a creaturinha leve. . . do palacete encarnado.

Luis de Marilva.

Aguardem o fox-trot

O FILANTE

de NELSON VAZ

auctor da valsa DEDICAÇÃO



A nossa capa é illustrada, hoje, com o retrato da graciosa Mlle. Wanda Brandão elemento de realce em nossa melhor sociedade.

NASCIMENTO

Está em festas o lar feliz do engenheiro agrônomo dr. Ildefonso Pessoa de Almeida Lopes e sua digna consorte d. Maria Augusta Athayde Almeida Lopes, pelo nascimento no dia 10 do corrente de sua primogenita Maria das Graças.

Desejamos felicidades a recém-nascida.

VIAJANTES

A procura de melhoras para sua saúde fortemente abalada por insidiosa molestia, seguiu no domingo ultimo para Limoeiro o distinto academico Napoleão Toscano de Brito, irmão do nosso collaborador José Toscano.

ANYSIO GALVÃO — Pelo "Flândria" que no ultimo domingo tocou em nosso porto, tomou passagem com destino a Europa o nosso distinguido confrade de imprensa, Anísio Galvão, redactor do "Jornal do Commercio", deputado estadual e nosso collaborador.

Ao distincto confrade que nos trouxe pessoalmente o seu abraço de despedida, desejamos boa viagem.

VISITAS

Dr. Domingos Castello Branco — Visitou-nos na terça-feira o illustre sr. dr. Domingos Castello Branco, conceituado advogado nos auditorios de São Paulo.

Nosso conterraneo, afastado desta capital ha longos annos, vem agora o dr. Castello Branco rever na sua curta demora em Recife a sua distincta familia e amigos.

Em nossa redacção demorou-se o dr. Castello Branco em interessante palestra.

Somos penhorados a gentileza ao digno cavalheiro a quem nos prendem estreitos laços de amizade.

DR. CARLOS CAVACO — Visitou-nos na ultima terça-feira o nosso illustre confrade de imprensa dr. Carlos Cavaco.

Em transitó para o Rio de Janeiro a bordo do Ceará regressa s.s. de uma viagem ao norte do paiz onde em varios Estados realizou brillantissimas conferencias com justos applausos do publico e da imprensa.

Somos gratos a deferença de s.s.

ENLACE AMARAL CARVALHÓ — MORAES JUNIOR

Realisa-se hoje o enlace matrimonial do sr. Frederico Moraes Junior, proprietario da "Pharmacia Carioca" em Campina Grande, com a senhorinha Aline do Amaral Carvalho, filha do sr. Braz Cavalcanti de Carvalho e sua esposa d. Maria do Amaral Carvalho.

O acto effectuar-se-á á rua da Gloria 475, o civil ás 16 horas e o religioso ás 19 horas, sendo testemunhac os srs. Antonio Ozorio de Macedo socio da "Casa da Fortuna" e Hamilton Pupe do alto commercio desta praça, e suas exmas. senhoras.

Celebrando o religioso o revmo. Conego Jeronymo de Assumpção mui digno Vigario da Boa Vista.



ANNIVERSARIOS:

Faz annos, hoje, a graciosa pequena Nair, filhinha do sr. Antonio de Araujo Mello, funcionario da Prefeitura do Recife e sua exma. esposa d. Aurea Pernet de Mello.

Transcorre, amanhã, a data anniversaria da exma. sra. d. Jorgina de Faria Rosas, dilecta esposa do estimavel cavalheiro sr. Eduardo Rosas e filha do sr. coronel Luiz Faria, director do *Jornal do Recife*.

Regista-se na data de amanhã, o anniversario do illustrado dr. Paulo de Agular, clinico nesta capital.

MAL QUE TRAZ UM BEM
Não haverá mais calvos dentro
de pouco tempo, usando-se

CAPILLOTÔNICO

O revigorador do cabelo
E' empregado largamente
com o maximo exito em queda
do cabelo, Caspas, Pe-
lada, Calvicie e impede O EM-
BRANQUECIMENTO DO CA-
BELLO.

Encontra-se á venda em todos os armarios, pharmacias, barbearias, etc.

Representante: Americo Santos

Minha
filha
Argelina

Linda flôr de innocencia tão ditosa.
Anjo bom e idéal do meu amôr,
Tens para mim o encanto de uma rosa
E a candura divina dessa flôr.

Minha vida seria noite umbrosa,
Sem ti, sem tua graça e teu fulgôr.
Minha filha gentil, fada mimosa
Que me segue a sorrir para onde eu tôr.

Deus te fez tão mimosa, tão querida
Como um anjo do céu que a terra trilha,
Dissipando a tristeza desta vida.

Brilha por tudo o teu encanto. Brilha
Tua imagem graciosa e estremecida.
Minha extremosa e idolatrada filha.

FERNANDES TAVARES.



Faz annos, na proxima terça-feira o coronel Antonio Costa Alecrim, apreciado poeta conterraneo, nosso collaborador.

Pelo auspicioso acontecimento, certo será s. s. muito felicitado pelos seus numerosos amigos.

Tem na segunda-feira o decurso do seu anniversario. mlle. Noemi Moreira Guimarães, dilecta filha do illustre sr. desembargador Antonio da Silva Guimarães.

O coronel José Firmino (José Mulato) vê passar depois de amanhã a sua data natalicia.

Passará na proxima sexta-feira a data anniversaria do revmo. frei André Maria Pratt, provincial do Convento do Carmo, desta cidade.

Iniciando a secção, assim intitulada, começamos por publicar um dos bellos sonetos de Ernani Vieira, um dos mais finos poetas do Pará, alma verdadeiza de artista e espirito de bohemio.

Intellectuaes
paraenses

Nestes momentos em que a noite denza
confabula com o poeta de oiro e rosa,
Ella, serena, emsimesmada pensa,
debruçada á janella, tão formosa!

Amo-a! No emtanto, ao meu amôr infensa,
sonha e busca, talvez, outr'alma ansiosa
que tenha aquella dolcrosa crença,
de su'alma de Soror Dolorosa.

Gosta da sombra e do silencio. E ao vél-a,
rezando ao Poente, em soliloquio brando,
a prece que aprendeu de alguma estrella;

Penelope, supponho-a, merencorea,
de olhos postos no céu, com os olhos fiando
a mortalha iliaz da minha historia.

ERNANI VIEIRA.

O dr. Luiz Porto Carreiro, illustrado professor da Escola Normal Official e um dos membros de maior relevo no magisterio pernambucano tem na proxima sexta-feira o transcurso da sua data natalicia.

VIAJANTES:

A bordo do paquete Ruy Barbosa, seguiu para o Rio de Janeiro no ultimo domingo o illustre capitão-tenente Velho Sobrinho, ex-commandante da Escola de Aprendizizes Marinheiros e nome sobejamente acatado nos nossos melos intellectuaes.

Nosso presado collaborador Velho Sobrinho veio a nossa redacção trazer-nos o seu abraço de despedidas, gentileza que muito nos penhorou.

Do Rio de Janeiro onde fixará residencia, Velho Sobrinho enviará algumas chronicas para esta revista.

ESTA' PROVADO QUE A

CONFEITARIA
(BIJOU)

é o ponto escolhido pela melhor sociedade recifense.

Casa de primeira ordem com esmerado serviço de chás e gelados.

ALMEIDA BASTOS & C.

Rua Barão da Victoria



Theatros e Cinemas



A Temporada Pinto Filho no Parque



A sra. Leticia Flora apreciada artista conterranea.



Continua trabalhando no Theatro do Parque, diga-se a verdade, obtendo franco successo a Companhia Pinto Filho com um variado repertorio de revistas todas ellas sem pre recebidas co magrado pela nossa platéa.

Na ultima semana tivemos o **Triumpho do dr. Jacarandá** que levou ao casino da rua do Hospício uma avultada assistencia. Peça nos moldes a agradar teve a auxilia-a o interesse dos artistas que tomaram parte na representação.

Depois nos veio **Vae, mas custa**, outra revista de fina verve e situações hilariantes.

Na segunda-feira foi encenada **Bancando o trouxa**, sem favor, a melhor das revistas até agora encenada, pela companhia não só pelo seu arranjo como tambem pelo brilho do guarda roupa e belleza dos scenarios.

Bancando o trouxa encheu, como se diz, as medidas da platéa que não regateou applausos aos artistas hi-sando varios numeros (maxixes) inclusive os executados pela sra. Rosa Sardini.

O theatro apanhou nesta noite boa enchente.

Vae pois, assim, agradando bas-



tante a companhia Pinto Filho e offerecendo ao nosso publico magnificos instantes de distracção.



O conhecido e apreciado actor sr. Pinto Filho.



A graciosa actriz Mariska a quem a platéa recifense não tem regateado applausos.

A Porta do Leça

COB. XXX

BLUFF...

A cidade hospeda, de alguns dias a esta parte, a brilhante representação do Club de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro, a qual, por sua pujança notória em todos os recantos da grande pátria brasileira, tem arrastado aos stadium onde se realisam as provas, uma verdadeira multidão, ávida de sensações fortes, que se comprime a applaudir vencidos e vencedores.

Em tudo isso, porém, ha uma figura que se destaca, inconfundível por sua rotundidade expressiva e notavel por sua actividade, tudo fazendo, tudo dispondo, tudo dirigindo, o suor a gottejar-lhe das temporas, um apito á bocca, e o coração largo a bater pela victoria das cores do seu bem amado pavilhão.

Essa figura já o leitor conhece. E' o coronel Carlos Medicis. Carlos Medicis faz tudo: commanda os seus jogadores, desdobra-se em gentilezas para com os visitantes, fiscalisa os pontos e policia o campo.

Apesar, porém, de toda essa actividade, o querido sportman apanha os seus bluffs. Assim foi outro dia, quando os dois leões rubro-negros sacudiam as jubas. A'em, na geral, um torcedor fez-se inconveniente, a gritar, a invectivar e Carlos Medicis convidou-o a retirar-se indemnizando-o a preço da entrada.

O torcedor que havia "penetrado" pelo muro recebia o cobre, deu volta ao campo e fez nova entrada clandestina para continuar a torcida ranzinza. Nova expulsão, nova indemnização, e nova escalada, pelo muro, com recrudescimento da torcida.

Expulso pela terceira vez, o tia ganhou a "torcida" ainda voltou ao seu posto, para torcer o couro, aproveitando o provento das indemnizações, enquanto o bravo director, agitando o chapéo, dizia:

— Perca-se tudo, mas salve-se a moralidade da "torcida" pernambucana...

E' um benemerito, o coronel.

CHUVA!

Esta nota ainda é um echo da grande pugna do ultimo domingo. Já se esbatia um tanto longe a resonancia dos discursos, dos foguetes, das serpentinas, dos confettis e das



Reportagens & Indiscreções

ovações feitas á brava coorte do Flamengo e a lucta ia accessa quando Pernambuco conquistou a sua primeira vantagem.

Na archibancada, junto ao pavilhão da imprensa Genaro Antunes torcia com estrondoso alarde pela victoria pernambucana. Em baixo, muita gente que não lograra melhor collocação. Entre estes, umas illustres senhorinhas de nossa sociedade, o sportman Romulo Souza e o dr. Amadeu Medeiros.

Houve, então, uma phase de ininterrupta agitação e o Genaro gritava a plenos pulmões, fanhosamente, encorajando os jogadores locais, quando, em baixo, abriam-se guarda-chuvas e o sportman Romulo Souza, descobrindo a causa da tempestade, gritou:

— O' Genaro, fecha a bocca que a chuva está a molhar-nos.

E' sacudiu o seu chapéo de palha clara, lastimosamente encharcado.

TELEPHONE?!

Ainda a temporada carioca. Ainda o nosso bom Alberto Collares. O campo cheio para o primeiro jogo da temporada. O coronel Zeca Loyo nervoso e agitado. O dr. Cicero Mello activo e esperançoso. O dr. Armando Goulart sorridente, a suar, distillando esperanças. O jogo começara. Um grupo fallava dos jogadores, do jogo, da sorte, do azar, da technica, das intervenções do Pennartorte e dos telephonemas do... Telephone.

Desse grupo um conhecia o conjuneto carioca, de jogador a joga-

dor e, extranhando a má actuação de alguns, desabafou:

— Ora, vejam! O Telephone, por exemplo, que é um jogador de notabilidade no sul do país, está aqui abaixo de mediocre.

O Collares, empertigado, apoiado á bengala, com toda aquella sua póe marcial, olhou de lado o entendido e retrucou:

— Você já viu Telephone prestar, em Pernambuco?!

Na secretaria, alguém se esforçava, embalde, por uma ligação com o "Diario".

CADAVERES...

O leitor precisa conhecer alguém que ainda não lhe foi apresentado e no que terá, decerto, muito gosto. Batelão é o pseudonymo que occulta a brilhante personalidade de José Alvarenga, o nosso glorioso charadista.

Batelão dedica-se ás charadas e ao jornalismo com toda a alma de um noticiarista emerito. Para redigir noticias policiaes, Batelão é unico. Conhece todas as chapas existentes e por existir. Dahl a sua ascendencia sobre os demais collegas.

Outro dia, o Batelão, esparramado sobre uma das nossas bancas de trabalho, redigia noticias e pensava em charadas, enquanto ao lado um turco de prestações procurava arrancar a prestação mais velha de uma dívida que o Amadeu contrahira.

O pobre "cadaver" perdia o seu precioso tempo e as suas mal pronunciadas palavras, quando o tympano da Assistencia, que passava, attrahiu a attenção de todos, suspendendo por instantes o piedoso discurso do turco infeliz.

Quando tudo se normalizou e o turco constatando a inutilidade de seus esforços, procurou retrair-se, alguém disse para fazer espirito:

— A Assistencia passou sem reparar que passava por um "cadaver".

E apontou o turco.

O Batelão levantou a vista do papel, fixou os olhos escuros no espirituoso e protestou com uma de suas melhores chapas:

— Quando a Assistencia chegou, elle já era "cadaver".

DR. A. DE S.

GRANDE EXPOSIÇÃO

≡ DE ≡

Tapetes de Beiriz PORTUGUEZES

Carpettes grandes em estylo Imperio,
Orientaes, Arabes, D. João V,
Luis XV, ovaes, redondos, — Passa-
deiras, cortinas, almofadas, etc.

**Tudo feito a mão com as mais lindas côres
e perfeição de acabamento**

No salão do Gabinete Portuguez de Leitura
RUA DO IMPERADOR

Carnaval! —::— Carnaval!

Vinte e nove dias, leitor, faltam, apenas, para entrarmos de corpo e alma nas loucuras de S. M. Dom Momo.

O carnaval deste anno, na opinião autorisada do engenheiro agrônomo dr. Ildefonso Lopes, que nos fallou a respeito do assumpto, ve ser um carnaval de arromba.

Segundo ainda o modo de ver de s. s. as Victalinas todas do Recife apparecerão mais pintadas e mais dengosas affastando assim o dito tão em voga na cidade.

Tira pó, Victalina, bota pó.
Que moça velha não sae mais do Caritó...

Vae ser assim uma cousa pyramidal o frevo em 1925.

Todo o mundo, inclusive o major Sant'Anna Araujo, tem de brincar a bom brincar, não se esquecendo elle de guardar todos os jornaes velhos da cidade para organizar uma nova colleção e vendela pelo menor preço do mercado.

Ou velho sapéca é só o Sant'Anna!

Velho glutão damnoso.

Segundo nos informou o Alvarença, vulgo "Batelão", charadista profissional e revisor do "Jornal Pequeno" nas horas vagas, Sant'Anna ainda tem nove almoços escolhidos para a semana que começa amanhã.

—Em materia de comer é elle e

"seu" Guilherme de Araujo, appareia Annibal de Almeida.

Não houve protestos.

Mas voltando ao Carnaval. A cidade toda começa a se agitar. Já começam a apparecer mascarar e fantasias pelas lojas da capital como que o toque de alarme para a folia que vem perto.

E o bloco "Se tem... bote?"

Que diz, "seu" Alvaro de Sá?

—E "Se tem... bote" vae dar a nota. Leal, do "River Plate" já está incumbido de organizar as fantasias. E Leal é o "bicho" neste assumpto.

—O "Bloco das Flores" sae ou não sae, "seu" Salgado?

Você desta vez, seu o prego?

Não faça isto amigo velho.

Nós queremos você á frente daquelle mocidade alegre e divertida.

Auspiciando-se, como se sabe, de grande brilho o carnaval de 1925, entre nós, é de prever que o nosso *certamen* desperte o maior interesse no meio dos nossos follões, no meio daquelles que se entregam, com a mais leuca alegria

Para isto inserimos semanalmente dois coupons que os leitores poderão cortar e nos enviar em envelope fechado até ás quartas-feiras de cada semana com o nome do bloco ou clubs que correspondam á sua opinião e á nossa interrogação.

Aos victoriosos conferiremos lindos premios.

Resultado verificado quarta-feira

ultima com a remessa de votos o que demonstra o interesse que ja está despertando este nosso concurso annual.

QUAL O CLUB CARNAVALESCO MAIS APRECIDO?

| | Votos |
|---|-------|
| Lenhadores | 56 |
| Dragões de Momo | 31 |
| Vassourinhas | 19 |
| Club Nove e Meia do Arrayal | 14 |
| QUAL O BLOCO CARNAVALESCO MAIS SYMPATHISADO | |
| Lyra do Charmion | 54 |
| Bloco Apois Fum | 31 |
| Bloco das Flores | 15 |

***** ** *****

Qual o Club Carnavalesco mais apreciado?

***** ** *****

***** ** *****

Qual o Bloco Carnavalesco mais sympathisado?

***** ** *****

Divagando sob minha crença

(Para o espirito descrente de Lucio Roberod)

Foi numa destas tardes em que o sol baixando no poente, tingia de côres cambiantes uns pedaços de nuvens soltas no espaço infinito, que alguém perto de mim, fallando da belleza magestosa da Natura, angusta e calma, me pediu para escrever alguma cousa, sobre a origem do Materialismo.

Que posso eu dizer sobre tão complexo e ingrato assumpto, contrario aos meus principios e ás minhas crenças de mulher, creada e educada na religião de meus paes e da minha patria amavel?

Não é, sem receio de commetter uma heresia historica, que digo, achar-se o Materialismo vinculado á mais remota antiguidade. Sendo a Grecia o berço do genero humano, coube a Athenas, metropole intellectual do mundo antigo, onde floresceram as artes mais profundas, a primasia de ser, a fundadora da doutrina materialista, pelo arrojado philosophico de Democrito e Epicuro que explicavam a origem das cousas

pelo movimento dos átomos.

No seculo XVIII Hobbes, d'Hobback, La Mettrie, Diderot e outros sabios, professaram tão funestas doutrinas, sempre combatidas atravez de todos os tempos, com a victoria do espiritualismo, sustentado com galhardia, desde Platão, Cícero, Descartes, Bossuet e Muitos outros sabios, de caracteres elevados.

Os materialistas e os positivistas como Strauss, Mobechott, Vog, applicavam a origem dos mineraes, das plantas, dos animaes, do proprio homem e de todas as cousas, pela evolução da materia eterna, com o fim unico, de negarem a espiritualidade da alma e a existencia de Deus.

Fiel a minha religião, sou contraria a essas doutrinas philosophicas, não tanto pelo absurdo das theorias acima, que bem podem ser discutidas nos dominios da Physica e da Chimica, mas porque, ellas afastam desde logo a idéa da existencia da alma, sópro divino, impresso por Deus no genero humano.

Reconhecendo, embora, a minha incompetencia para tratar da materia á mim solicitada, cumprio, occupando estas columnas dois deveres:

o de acceder o pedido que foi feito; e outro de mostrar a necessidade de trabalharmos pela diffusão da nossa crença, muito necessaria á formação do caracter do povo brasileiro, crença que teve por base a doutrina puritana do meigo e doce Jesus.

No Catholicismo está a verdade, a luz, a esperança e a resignação! "O verdadeiro catholico sabe sofrer; não se considera infeliz desvaivado, perdido, inutilisado pela dor que o tortura, mas se reabilita, se salva, se consola, por causa do exemplo sublime que lhe deu Jesus".

Triste daquelle que renega o seu Deus, que perde a esperança e que afoga nas trevas do desespero, a fé, a confiança na positivação de suas doiradas ambições.

Emfim, querer-se tirar de Deus a autoria creadora do mundo, assoma de grandeza mysteriosa, para entregal-o unicamente, como obra real da força dinamica da natureza, muitas vezes hostile e brutal, nas suas leis organicas e immutaveis, é mais que horripilante heresia — é crime imperdoavel!

ADALGISA LOPES.

O QUI
NÓS VÊ



NA
CAPITÁ

Ti iscrevo eça, cumpade,
Dispoi di munto forgá,
Vem já chegando o brinquedo,
Vem roncando o Carnavá,
Candoquinha tá sorrindo,
A véia veve a sonhá.

Zé de Mello, dos Dragão,
Da Pruvíncia redató,
Já tá cum as pernas tão fina,
Trabala qui faz orró,
Os Dragão ai di sahi,
Cum parma, rosa e fulô.

Candoquinha fez-se soça,
Du tá crube do São Duro
Foi ileita presidenta,
Derna daqui prá os futuro,
A véia ficou gestosa,
Nesse Carnavá dá um furo

Di dansá cumpade, eu ando
Já um pouco afadigado,
Di toda a festa eu vou lá,
Nós é sempre convidado,
Candoquinha não perde uma,
Não mi fasso di rogado.

Teve festa, Policaipo,
Não farta cum Candoquinha
I dança cari todas az moça,
Seja branca ou moreninha
Si ouvê tamem falação,
O veiu não perde a linha.

O carnavá veiz chegando,
Vou entrá na frivioca,
Vou brincá cas namorada
Zefa, Antonha e Maroca,
Mi agarro no meio du povo,
Qui só acari na lôca.

Candoquinha qué alugá,
Otomove caminhão,
Eu cou contraro, cumpade,
Nós deve bricá no chão,
No frevo, na drobadinha,
No meio dos mulatão.

Tá chegando o Carnavá,
Vitalina tira pó,
Moça veia, fica moça,
Não vae mais pra o caritô,
Côco véio é qui dá azeite,
Quanto mais véio é mió.

Gitoní e lança perfume,
Nós aqui munto comprô,
Candoquinha de pierrette,
Cum mais eu de pierrô,
Vamos sai pelas rua,
Brincando cum todo o ardô.

A masca qui eu vou butá,
Vou pedí a certo escrivão,
Tem uma cara medonha,
Uma cara di mamão,
Cando essa masca butá
Vai sê logo um suceção.

Já tenho um bando de moça,
Prá no frevo divirti,
Vai sê uma loucura doida,
Não penso nem em drumi,
Nas ruas fasso morada,
Não arredo pé dali.

Vitalina bota pó,
Bota pó, cinza, farinha,
Policaipo vaise acabá,
No frevo mal Candoquinha,
Sai véia do caritô,
Vamos dançá de bandinha.

O! Carnavá! Carnavá!
Quero vê os papa angú,
Os véio virare moços,
Atraz de Antonha e Xandú,
Filomena corre a roda
Antes fóra cuma tú.

Tá chegando frêvo rôxo,
O frevo do Carnavá,
Cumpade a coisa é medonha,
Tu não pôde avaloá,
Inté os bicho si diverte,
Tudo si pôe a brincá.

Cumpade deixe o sertão,
Deixa a fazenda Roçinha,
Venha vê os Carnavá,
Tu, Zabé mais Rosinha,
Sordade dos seus cumpade
Policaipo e Candoquinha.



QUEBRA

CACHOLA



Torneio de Natal

5ª APURAÇÃO PARCIAL

Soluções dos trabalhos publicados nos ns. 168, 169 e 171, isto é, da charada 241 a 300:

241, Madresilva; 242, Earle; 243, Fula-o; 244, Cigana-o; 245, Zorra-o; 246, Bordoada-Borda; 247, Sabará-Saba; 248, Lodo-Modo; 249, Cortes; mapô; 252, Move-Ovem; 253, Bilharda-ão; 254, Caravela; 255, Tnebalda; 256, Lerma; 257, Pisco; 258, Meda; 259, Alcedia; 260, Zenão; 261, Monha-o; 262, Vitellina-o; 263, Fairo; 264, Corchoro; 265, Madreperola; 266, Salvádego; 267, Mariola-Mala; 268, Maluca-Maca; 269, Guiagem-Guia; 270, Barcagem-Barca; 271, Rasca-ão; 272, Trombeta-ão; 273, Galilé-Galé; 274, Papa-Pala; 275, Gebada; 276, Bugiarias; 277, Saturno; 278, Azorella; 279, Camarata; 280, Camarada; 281, Amor-perfeito; 282, Miolo; 283, Dança; 284, Viuva; 285, Tagarote; 286, Dilligência; 287, Carneiro; 288, Tacho-a; 289, Noto-a; 290, Bandada-Banda; 291, Balança-Baça; 292, Ginguba-Gin; 293, Larapio-Larario; 294, Jabotá-ão; 295, Serra-ão; 296, Rapa-ão; 297, Gala-ão; 298, Rapa-ão; 299, Garna-Sarna; 300, Formiga-Formica.

DECIFRADORES:

| | Pontos: |
|---------------|---------|
| Chrysand'Alva | 35 |
| Raul Fateixa | 34 |
| K. Bo 70 | 34 |
| Leny Galhardo | 34 |
| Réco-Réco | 33 |

| | |
|-----------|----|
| Rosadalva | 32 |
| Minerva | 25 |
| Miroma | 16 |

PONTOS NÃO CONTADOS E JUSTIFICAÇÕES

Chrysand'Alva enviou 42 soluções; não foram contados: *Genova-Nova* para a charada 247, por ser apocopada e não apheresada; *Abide-Adibe* para a charada 250, por ser metagramma e não anagramma; *Nove-Oven* para a charada 252, por ser *Move-Ovem* a verdadeira solução; *Máca-Maca*, para a charada 268, por ser *Maluca-Maca* a verdadeira solução, e *Macaca* não significa "Mulher de mau comportamento"; *Facho-a* para a charada 288, por não se adaptar à mesma, sendo *Tacho-a* a verdadeira solução.

Precisa justificar *Falca-ão* para a charada 295, e *Festa-ão* para a charada 297.

Raul Fateixa enviou 42 soluções; foram cortados: *Genova-Nova*, *Abide-Adibe*, *Nove-Oven*, *Macaca-Maca*, *Facho-a*, e ainda *Madresilva*, para a charada 265, por ser *Madreperola* a verdadeira solução.

Precisa justificar *Falca-ão* e *Festa-ão*.

K. Bo. 70 enviou 42 soluções; foram cortados: *Genova-Nova*, *Abide-Adibe*, *Nove-Oven*, *Madresilva*, *Macaca-Maca*, *Facho-a*; a justificar *Falca-ão* e *Festa-ão*.

Leny Galhardo enviou 40 soluções; foram cortados: *Genova-Nova*, *Abide-Adibe*, *Nove-Oven*, e *Facho-a*; a justificar: *Falca-ão* e *Festa-ão*.

Réco-Réco enviou 39 soluções; fo-

ram cortados: *Genova-Nova*, *Abide-Adibe*, *Nove-Oven*, *Macaca-Maca* e *Facho-a*; a justificar: *Festa-ão*.

Rosadalva enviou 38 soluções; foram cortados: *Genova-Nova*, *Nove-Oven*, *Macaca-Maca*, e *Facho-a*; a justificar: *Falca-ão* e *Festa-ão*.

Minerva enviou 35 soluções; foi cortado *Macahiba* para a charada 284, por ser *Viuva* a verdadeira solução, tendo 3 syllabas e não 4; precisa justificar: *Abarat-Aba* para a charada 247, *Raso* para a charada 256, *Pêto* para a charada 257, *Serva* para a 258, *Leão*, para a 260, *Amarillo-a* para a 262, *Alimo-ão* para a 272, *Gingelim-Gin* para a 292, e *Choleva-Cholera* para a 300.

Miroma enviou 17 pontos; precisa justificar *Festa-ão*.

PRASO PARA JUSTIFICAÇÕES

Para justificações, os charadistas têm o praso de 8 dias, isto é, de hoje até sabbado 31.

CORRESPONDENCIAS

Recebemos de *Minerva*, *Raul Fateixa*, *Chrysand'Alva*, *K. Bo 70*, *Leny Galhardo*, *Réco-Réco* e *Rosadalva*.

BATELÃO.





Neste edificio é onde se fabrica a melhor Cerveja do
— BRASIL —

Viriato & Villa-Chan

Os unicos no norte do Brasil que recebem
cerca de 90.000 fardos de xarque por anno.

Grandes vendedores de estiva em grosso,
sal de Macau grosso e triturado e o conhecido sal
para mesa "NEVADO"

Rua Pedro Affonso, 6 a 20

Recife—Pernambuco

Para o Trabalho

Peça V. S. para vêr as nossas
Referencias "ARCTICO"

| | | |
|-------|--|---------|
| 14518 | — Sapato Camouflage amarello e branco | 48\$000 |
| 13811 | — Sapato em bufallo branco | 48\$000 |
| 14090 | — " amarello reforçado. | 45\$000 |
| 13646 | — " chocolate | 40\$000 |
| 14089 | — " amarello | 38\$000 |
| 13989 | — " preto | 35\$000 |

Preços unicos

Casa Excelsior

LIVRAMENTO 53

PHONE 2568